

# VISUALIDADES DA ESCOLA NAS REDES SOCIAIS

**Adriane Camilo Costa**

Faculdade de Artes Visuais - UFG, Brasil

adrianecamilo@gmail.com

## RESUMEN

Este artigo evidencia uma parte dos caminhos percorridos durante a pesquisa de doutorado em Arte e Cultura Visual que investiga as visualidades dos espaços da Escola Municipal de Tempo Integral Jardim Novo Mundo. Esses espaços, que em tempos de virtualidades, se tornaram amplos e não estão restritos ao espaço atual/físico, mas também “invadem os espaços virtuais” tornando-se virtual/físico, expandindo a contemplação de um ambiente fixo para além de seu “lugar de origem”. Por meio das visualidades presentes, procuro compreender a formação cultural dos sujeitos que pensam essas visualidades e como elas são estabelecidas enquanto construção de conhecimento. Neste artigo exponho parte dos caminhos que tenho trilhado para a pesquisa, abordo sobre os espaços físicos que se tornaram virtual e atual e, também, inicio uma discussão sobre como as imagens provocam ou reforçam julgamentos. Tenho como foco de discussão a presença e a atuação da escola numa rede social na internet, as escolhas das imagens que são exibidas e os movimentos específicos deste meio comunicativo e informativo contemporâneo

Palabras clave: Redes Sociais, espaços potentes, escola, virtual.

## 1. INTRODUÇÃO

Entender como é pensado o currículo para as escolas públicas no Brasil não é uma tarefa fácil, porém a história da educação brasileira nos dá pistas para que compreendamos o processo, as articulações e as prioridades estabelecidas pelos órgãos que se percebem entendidos e responsáveis pela educação no país.

Os grandes modelos de aprendizagem gerais e unificados atualmente estão cada vez menos atraentes, e as imagens cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas. No percurso diário percebemos as inúmeras imagens que compõem a paisagem urbana, os *outdoors*, os letreiros de estabelecimentos comerciais, a arquitetura dos prédios, as estampas em ônibus que servem como propagandas ao ar livre, as estampas em roupas etc. E, também, as imagens que temos contato no dia a dia por meio das redes sociais, da televisão, de revistas, livros didáticos; enfim, as imagens estão presentes de forma coletiva e individual no nosso cotidiano, sendo assim, como não inseri-las no currículo como parte do processo, articulações e prioridades na estrutura curricular?

Na perspectiva de entender como o currículo na escola municipal de Goiânia é pensado como plano de ação, que segue finalidades e orientações nacionais e que pretende promover valores de uma sociedade, realizo uma pesquisa no processo de doutorado em Arte e Cultura Visual<sup>1</sup> que busca compreender algumas possíveis relações entre o(s) currículo(s) e as imagens evidenciadas nos espaços da escola. Neste artigo evidencio as imagens divulgadas na página da escola pesquisada na rede social *Facebook*<sup>2</sup>, considerando que a tecnologia expande os espaços físicos para a dimensão virtual.

A princípio, a pesquisa estava prevista para investigar as visualidades dos espaços físicos da escola, espaços do prédio arquitetônico. Contudo, após diálogos sobre os lugares das visualidades com colegas, pesquisadores, colaboradores da pesquisa e alguns autores da cultura visual, compreendi que esses espaços, em tempos de virtualidades, se tornaram mais amplos e não estão restringidos ao espaço atual/físico, mas que também “invadem os espaços virtuais”, tornando-se virtual/físico, expandindo a contemplação de um ambiente fixo para além de seu “lugar de origem”.

A investigação sobre as visualidades construídas nos espaços da escola tão somente apresenta significado se for considerada a concepção para a qual ela foi pretendida. Nesse sentido, busco compreender a formação cultural dos sujeitos que pensam essas visualidades, e como elas são estabelecidas enquanto construção de conhecimento.

Os sujeitos que pensam as visualidades presentes na instituição educacional investigada - dado obtido no processo da pesquisa - são as professoras pedagogas que atuam tanto na sala de aula como na coordenação pedagógica. Igualmente é uma das pedagogas, que está na gestão da instituição, a responsável por “alimentar” a página virtual com registros, notícias, informes e outros apontamentos. Ela que faz as inclusões de imagens e as mediações com a comunidade quando necessário.

1. Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais/Universidade Federal de Goiás.

2. *Facebook* é uma rede social fundada em 2004 por um grupo de cinco estudantes universitários da Universidade de Havard.

## 2. DESVELANDO CAMINHOS PARA A PESQUISA

A investigação esperada pela pesquisa foi suscitada pela experiência em atuar com professores de escolas de tempo integral do município de Goiânia. Incomodada com as visualidades percebidas nessas instituições, depois de muito dialogar com professores que ali atuam, estudar e pesquisar sobre escolas municipais, entendo que as práticas culturais mediadas por imagens são maneiras de construção de conhecimento e envolvimento autônomo com os sujeitos que frequentam esses espaços. Sendo assim, o recorte para a pesquisa de campo foi uma escola de tempo integral, por entender que nessas instituições os estudantes passam parte de seus dias, perfazendo em média sete horas diárias de segunda à sexta-feira.

O município de Goiânia<sup>3</sup> possui hoje, em 2017, 22 escolas de tempo integral que em sua maioria atende crianças que estão nos anos iniciais do ensino fundamental, na faixa etária de seis a onze anos de idade. Para a realização da pesquisa de campo selecionei uma dessas escolas, que está localizada na periferia da cidade.

Para a pesquisa, entendo ser importante, em tempos de redes sociais, perceber com maior atenção os recortes para compartilhamento e exposição virtual sobre a instituição. Buscar as visualidades dos espaços da escola através das imagens expostas, em sites oficiais e redes sociais, destinados a assuntos aspirados requer investigação mais cautelosa, pois abrange outros participantes. Esse processo é distinto ao que realizo *in loco*, porém igualmente importante. *Distinto* por não investigar professores pedagogos que “pensam” as visualidades no espaço físico da escola (para a construção visual da parte física será considerado o sujeito operador desta ação); na rede social quem posta as imagens (neste ensaio) é considerado um “colaborador inominado” da pesquisa. Neste momento não interessa a concepção cultural de quem posta, mas sim o que é divulgado na rede na perspectiva de neutralidade subjetiva. Além do mais, é *significativo*, pois evidencia escolhas visuais e culturais privilegiadas como ações pedagógicas e/ou sociais pela escola, ponderando que é uma página da instituição e que os assuntos abordados estão diretamente relacionados aos acontecimentos da comunidade escolar.

A Escola pesquisada possui uma página na rede social *Facebook*, e para este texto trago a investigação desse espaço virtual, um recorte da análise. As imagens que compõem o acervo “Fotos” da página do *Facebook*, de certa maneira, desvelam o lugar da cultura na escola, nos contextos sociais, na família, na dinâmica daquela comunidade. O estudo destaca o modo pelo qual marcas das culturas do(s) responsável(is) por alimentar a página virtual são projetadas visualmente e, de certo modo, persistem em se fazerem presentes.

Investigar e problematizar essas visualidades pressupõe compreender como a formação cultural das professoras advém, expondo aspectos das concepções estéticas e da produção de conhecimento dos sujeitos. De acordo com Oliveira (2010: 46), a “atitude estética pode ser considerada como uma orientação da energia para a qualidade; e a experiência estética visual de cada pessoa é uma condição da sua qualidade de vida”. Na concepção da educação integral, como é pensado o currículo na educação pela Rede Municipal<sup>4</sup> de Educação de Goiânia, qualidade de vida é fator essencial para a construção do conhecimento e para a constituição de um sujeito autônomo com maturidade e conhecimento para fazer suas escolhas.

Por serem as visualidades da escola um objeto de pesquisa das Ciências Humanas, a abordagem a que se propõe parte de fundamentos que buscam condições humanas e materiais de escolha das imagens, sujeitos, eventos e espaços a serem analisados. Quiçá uma pergunta que deva ser evidenciada na metodologia do trabalho de pesquisa, que é de caráter qualitativo, seja: Que aspectos visuais devem ser “percebidos” nesses espaços?

A compreensão, a leitura, a interpretação e a construção de imagens que *habitam* espaços virtuais devem ser consideradas como ponto de partida em busca de respostas. Para Apud Peláez (2013: 222), o conhecimento abstrato se enriquece através da sistematização e do confronto, e que “[...] mientras que el método experimental y los métodos cuantitativos suelen ser fuertemente estructurados (a través de procedimientos codificados y ritualizados), en el caso de los métodos cualitativos vemos una gran diversidad y libertad en los enfoques. Se trata de investigaciones donde las decisiones de diseño y el análisis suelen correr en paralelo, es decir, la fase sincrética y la analítica no ocurren primero una y después otra, sino que se yuxtaponen y dialogan. La relación entre los problemas y los casos seleccionados no permanece estática, sino que debe ser revisada continuamente. La emergencia y flexibilidad del diseño cualitativo no serían una consecuencia de la falta de “rigurosidad” científica, sino que estarían vinculadas a la naturaleza de su objeto de estudio, las relaciones de significación, que exigen [...] la utilización de una metodología de carácter flexible [...], holística [...] y humanística.”

Nesta perspectiva, a pesquisa se flexibiliza para investigar as visualidades que compõem os espaços físicos da escola (no ponto de vista da construção de conhecimento da comunidade escolar) e o ambiente virtual na página da escola na rede social, na expectativa de compreender como essas visualidades são construídas.

Na investigação, o primeiro passo foi buscar os dados através do *site* da prefeitura de Goiânia<sup>5</sup>, no qual pude obter a quantidade de alunos matriculados na Escola, as etapas de ensino ofertadas, a infraestrutura, as dependências, os equipamentos, o

3. Município de Goiânia, capital do Estado de Goiás, um dos três estados que compõem a região centro-oeste do Brasil. Hoje conta com aproximadamente 1.500.000 habitantes, a capital é uma cidade nova, com apenas 83 anos.

4. Concepção presente nos diversos documentos da Secretaria de Educação do Município de Goiânia.

5. [www.goiania.go.gov.br](http://www.goiania.go.gov.br)

endereço, a localização etc. Informações oficiais que a prefeitura disponibiliza das instituições de educação a ela vinculadas, com atualizações periódicas. Neste *site*, não há imagem (para esta pesquisa não considero o texto escrito como imagem) que identifique a escola, somente um mapa com o ponto de localização no espaço da cidade (imagem que exerce uma função específica).

Inquieta com a apresentação da escola no site oficial da prefeitura busquei outros espaços virtuais nos quais a instituição poderia mostrar-se através de registros imagéticos. Assim, essa procura foi direcionada para as redes sociais. Por ser uma pesquisa do tipo etnográfica, com aproximação entre pesquisador e pesquisado é prudente entender melhor sobre o tipo de pesquisa pretendido e perceber que alguns riscos devam ser assumidos. Segundo Amurabi Oliveira (2013: 171), “[...] Se por um lado a etnografia busca trazer esses agentes “reais” para o nosso campo de pesquisa, proporcionando uma aproximação entre pesquisador e pesquisado, entre o pesquisador e o cotidiano daqueles que ele observa e investiga, por outro, a etnografia deve ser pensada como processo de estranhamento da realidade, de desnaturalização desta. Poderíamos reduzir a contribuição mais substancial da Etnografia para o campo educacional, afirmando que ela nos possibilita ver o que sempre vimos até então, fazendo-nos enxergar outros elementos.”

Enxergar outros elementos no processo de construção de dados é imprescindível, uma vez que as hipóteses são construídas a partir da observação do campo, que nesse processo é virtual. Os caminhos da pesquisa foram indicados pelos procedimentos, pela dinâmica, obstáculos e imersão na tentativa de entender melhor os critérios para as imagens que compõem o espaço virtual que apresenta a escola para um público que extrapola a comunidade local.

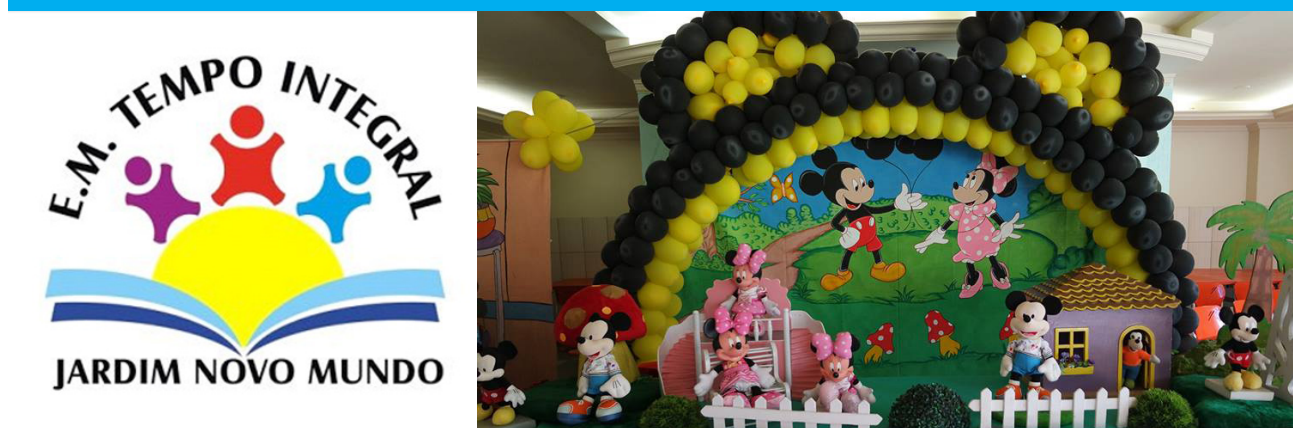
### 3. A ESCOLA E O VIRTUAL, ESPAÇOS POTENTES

Optar em investigar a escola através de uma rede social foi um desafio que a princípio desenhava-se caminhos que seriam de fácil trânsito, pois atuo como professora no município de Goiânia há nove anos e conheço a realidade de algumas de suas escolas e também mantenho uma conta pessoal na referida rede social desde 2009, espaço no qual acredito que a imersão seria mais dinâmica e de fácil apreciação. Realmente a imersão foi dinâmica, porém nada fácil. Encontrar fartura de elementos passíveis de serem percebidos, analisados e considerados foi desafiador. O recorte necessário estabeleceu critérios que consideraram a especificidade da instituição, e que buscaram em suas análises fundamentos nas condições humanas, culturais e materiais de escolha das imagens, sujeitos e espaços. E para essa “seleção”, conhecer a escola em seu cotidiano foi essencial.

As primeiras imagens consideradas foram as que compõem a página de abertura para identificação do usuário. Na “foto do perfil” (Figura 1) está a logomarca da escola, enquanto a “Foto de capa” (Figura 2) trata-se da fotografia de um evento da escola.

Figura 1 - Foto de Perfil, Identidade

Figura 2 - Foto de Capa, Exibição



Ter uma logomarca sugere uma instituição autônoma que possui identidade própria. A logo é formada por um desenho estilizado em que as formas indicam crianças como raios de sol que brotam das páginas de um livro (ou caderno) aberto. O nome da escola está na base do desenho como sustentação a um lugar de luzes como indica o conceito do sol. Em destaque, com forma de meio-círculo, a modalidade de atendimento da instituição que é de tempo integral<sup>6</sup>, apesar de também atender à Educação de Jovens e Adultos no período noturno. É importante considerar os elementos que compõem a logomarca da escola, detalhes que aludem ao conhecimento (livro), à identidade (logomarca própria), à luz (sol), ao humano (três pessoas “estilizadas”), à diversidade (emprego de cores distintas). Esses elementos, de certa forma, contrapõem-se à “Foto de capa”.

6. Escola de Tempo Integral é a modalidade de educação com ampliação da jornada pedagógica, os educandos permanecem nas escolas nos períodos matutino e vespertino, com o período do almoço denominado de intermediário para alimentação e descanso.

A “Foto de capa” é uma fotografia da decoração para *festejar* os aniversariantes do semestre<sup>7</sup> (2016/2) montada no refeitório da escola. Diferente da logomarca, que corrobora uma identidade, a foto de capa evidencia um cenário infantil. Nesse sentido, para Cunha (2005: 73-74), “Os cenários infantis, compostos em sua maioria por referentes midiáticos, suspendem temporariamente a vida lá fora, os conflitos, as diferenças. A ambiência é um cenário onde as identidades são ofertadas a *priori*, independentemente dos outros possíveis repertórios das crianças [...]. Ao contar histórias contaminadas pelos significados dominantes, elas tentam estabelecer e fixar identidades hegemônicas [...]. Do mesmo modo que o saber não é um bloco que é transmitido aos sujeitos como se eles fossem simples receptáculos de algo, os modos de “captura” dos significados dominantes são múltiplos, variáveis, porosos.”

A “Foto de capa” no espaço virtual tem permanecido mais tempo do que esteve no cenário da escola, que ficou somente alguns dias. Percebe-se o capricho da montagem nos detalhes: são Minnies, Mickeys<sup>8</sup> em universo ordeiro, asséptico, feliz, no qual as personagens são identificadas pelas cores e detalhes dos acessórios que usam e evidenciados pelas cores rosa e azul. Rosa para Minnie e azul para Mickey. É um cenário para a criança ver, assistir o que está exposto, mas não pode interagir com os “bonecos” e nem brincar com os balões que fazem parte de uma paisagem que é pensada para criança, mas que ela não pode usufruir o que está sendo revelado a não ser pelo olhar. Qual seria o sentido desse tema na escola? Qual a relação de comemorar os aniversariantes do semestre com o papel da escola?

Para este ensaio, busco analisar o espaço virtual da instituição e as imagens fotográficas que a representam como espaço físico na rede social elegida. A pergunta que evidencio no parágrafo anterior requer metodologia que envolve questionários e/ou diálogos com os professores da escola, o que não impede que questões possam ser levantadas para reflexões e diálogos entre os dois ambientes sem os quais essa investigação não teria sentido. A fotografia do “cenário” ocupa lugar de destaque na página virtual da escola, é a imagem que mais chama atenção, pelo colorido e “grandiosidade” além de que as informações ali apresentadas são de fácil percepção, pois são personagens midiáticos que têm inserção no imaginário da população brasileira (apesar de serem personagens estrangeiros) desde meados do século XX e, com inovações de produtos e adequação com as tecnologias de ponta, resistem ao tempo e se fazem atuais.

Explorando a página da escola pude observar a importância do acesso das pessoas que participam com comentários, avaliação e outras postagens alimentando a página e incentivando novas intervenções, fazendo desse espaço um local atrativo e dinâmico. São várias “curtidas” e comentários rápidos, sempre com elogios. Pode-se observar o cuidado e atenção da administradora da página com o uso correto da língua escrita, da forma clara e precisa em explicar o evento que está sendo exposto (com uma legenda), que são diversos: lanches especiais, coleta de verduras na horta, passeios pelo bairro, reportagem de uma emissora de TV realizada na escola, ida das crianças ao teatro, atividade em sala de aula, banho de piscina (na escola), aviso de início de férias e retorno das aulas e tantas outras atividades fotografadas e divulgadas com responsabilidade e ética.

De acordo com Martino (2015: 56), “nas redes sociais, os vínculos entre os indivíduos tendem a ser fluidos, rápidos, estabelecidos conforme a necessidade em um momento e desmanchado no instante seguinte.” Nesse sentido, as conexões criadas podem ser transformadas a qualquer momento, sendo direcionadas pelas relações afetivas estabelecidas entre os indivíduos e a instituição, ou entre os indivíduos e os indivíduos que compõem a comunidade da instituição.

A virtualização do espaço, segundo Pierre Lévy (2011: 17-18), amplia a variabilidade de espaços e temporalidade. Ela “[...] consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma “elevação à potência” da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em mudar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular.”

Nesse sentido, o espaço virtual da escola e a dinâmica do cotidiano tornam-se espaço-temporal, no qual diálogo entre tempos/espaços/ações são estabelecidos expandindo as possibilidades de interação com a comunidade. A escola como ambiente dinâmico e pujante de relações humanas, construção de identidades, culturas e saberes amplia suas potências através da virtualização do espaço.

#### 4. IMAGENS PROVOCAM OU REFORÇAM JULGAMENTOS?

São várias as imagens disponibilizadas na rede social pela escola, na maioria fotografias. Fotografias de eventos, pessoas, objetos (geralmente mimos que as professoras organizam para enfeitar a escola ou presentear os estudantes), lugares, pessoas nos lugares, lanches e outras temáticas. Fotografias que capturam aspectos de seus ambientes, experiências, gostos e culturas. É conveniente observar como é selecionado para compartilhar numa rede social de grande repercussão. As imagens evidenciadas no texto fazem parte de uma escolha que considero mais importante nesse momento, o que não impede que

7. A informação de que a fotografia é da comemoração dos aniversariantes do semestre (2016/1) foi obtida através do diálogo que estabeleci na página da escola, no Facebook, por meio do “comentar” da imagem em questão.

8. Minnie e Mickey Mouse são personagens fictícios para desenho animado criados por Walt Disney em 1928.

outras fotografias componham diálogos futuros. Evidencio três duplas de fotografias para dialogar com algumas concepções de educação pública, cultura e espaços.

As imagens fotográficas disponibilizadas na página do *Facebook* da escola, para a pesquisa, envolve a investigação no espaço com observações, entrevistas etc., e uma das estratégias de pesquisa captura algumas ações dos professores nas quais a rede social possibilita um olhar mais ambíguo que emerge em assuntos variados considerando-se o aumento de abertura de possibilidades e fechamento na privacidade (Miller e Holst, 2015) dos contextos quase que íntimos da escola.

O primeiro par demonstra mimos organizados pela coordenação para presentear as(os) professoras(es) da escola. Sabemos que a escola pública brasileira deve ser laica, gratuita, democrática, inclusiva e de qualidade social para todos, mas isso não impede que crenças religiosas apareçam por meio de manifestações de carinho (amor ao próximo), datas religiosas (muitos feriados do país são de cunho religioso), manifestações culturais (algumas diretamente ligadas à religião). O par de fotografias abaixo é de dois momentos distintos, a da esquerda são cadernos decorados manualmente entregues no início do ano letivo para os professores. Através do pacote (em papel celofane transparente amarrado com fita branca) podemos ler um provérbio bíblico como cabeçalho do calendário que compõe o kit entregue.

A outra fotografia é de uma metade de um ovo de chocolate recheado com bolinhas doces/comestíveis, símbolo da Páscoa celebração da igreja cristã que homenageia a ressurreição de Cristo. No bilhete, amarrado com fitilho que fecha a embalagem, também de celofane transparente, tem o seguinte dizer: "O essencial é invisível aos olhos, só se vê com o coração. A E.M.T.I. deseja a você uma feliz Páscoa! Que a paz do Senhor esteja sempre com você e sua família". Esses registros fotográficos indicam que a escola tem uma tendência religiosa, o que vai à contramão do que é previsto para uma escola pública laica. É importante observar que as essas relações promovem valores e conhecimentos aos estudantes que frequentam diariamente esse espaço.

Figura 3 - Cadernos distribuídos a professores no início do ano  
Figura 4 - Ovos de Páscoa para os professores (2016)



As imagens disponibilizadas pela escola na rede social são mais um campo para observação e análise de dados que tem se revelado. Algumas circulam com naturalidade que nem percebemos a quantidade e nem o que é recorrente ao que apresentam, confirmam e reforçam como informação e comunicação. As fotografias que compõem o segundo par de imagens que trago para reflexão são de composições elaboradas por professores da escola. A imagem da esquerda é uma composição natalina, que apresenta José, Maria, o menino Jesus na manjedoura, alguns animais representados de forma *infantilizada* no painel ao fundo e uma mesa com dois bolos um na cor azul e branco e o outro rosa e branco, cores muitas vezes designadas para representar o masculino (o azul) e o feminino (o rosa). As composições utilizam desenhos estereotipados na crença de que a criança entende melhor a imagem assim elaborada e que ela gosta mais desse tipo de imagem.

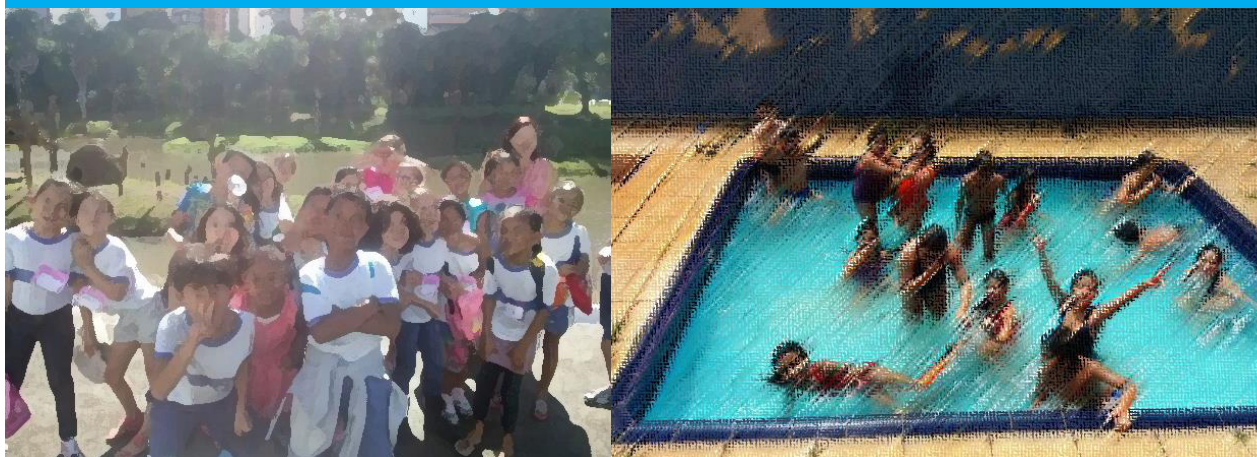
São tipo de imagens que se fazem presentes no cotidiano da escola que não as estranhamos ao ponto de questioná-las. Em sua maioria, são expostas, tanto física ou virtualmente, para serem admiradas. Admiradas por serem "alegres e gentis", e *atendem* ao gosto das crianças: coloridas, felizes, animais e objetos animados etc., que muitas vezes a criança é induzida a esperar (qual ela deve gostar) e reproduzir boa parte das imagens percebidas. As imagens impõem culturas e/ou modo de perceber o mundo de maneira nada inocente, estabelecem gostos, indicam comportamentos, sugerem desempenhos, reforçam hegemonias. Observo que nelas são retratadas figuras de pele branca, cabelos amarelos, magra, reforçando os tipos mais bem aceitos e sucedidos na sociedade. Essas representações desconsideram a diversidade e reforçam a hegemonia da pessoa branca, ocidental, corpo magro etc. Pude observar (no conjunto maior do qual seleccionei algumas para esse ensaio) que a diversidade representada por imagens na/da escola tão somente aparece quando o tema é a diversidade. Diversidade étnica, de gênero, de necessidades físicas e/ou psicológicas.

Figura 5 - Painel e mesa organizados para o Natal  
Figura 6 - Capa para portfólio das criança



O terceiro e último par de fotografias selecionado para evidenciar a multiplicidade de discursos mediados pela rede social como campo de observação e análise de dados, é composto por fotografias de momentos dos estudantes em atividades de lazer, cultura e entretenimento. As fotografias de crianças expostas na página da escola têm autorização dos pais e/ou responsáveis para publicação (informação evidenciada na página), as que aqui são exibidas preservando as identidades das crianças.

Figura 7 – Passeio no zoológico da cidade  
Figura 8 – Brincando na piscina da Escola



Pelas fotografias postadas, que são muitas, pode-se perceber a dinâmica da escola em relação à exploração de espaços físicos, tanto externo à escola quanto interno. Destaco aqui dois momentos distintos, um no passeio ao zoológico da cidade e o outro na piscina da escola. As duas fotografias destacam momentos de descontração e pose. A exposição dos estudantes na rede social, no primeiro momento me incomodou, entendia que a escola deveria evitar essa exibição. Depois passei a acordar que as crianças compusessem o cenário “desenhado” pela escola na rede social, pois sem elas não tem o porquê da escola existir, nada teria sentido. O que também pode ser observado foi a frequência de “curtidas” e comentários em relação às fotografias nas quais aparecem os estudantes, que são superiores às que aparecem objetos ou paisagens. A maioria das *curtidas* é de pais e/ou parente das crianças.

A página da escola na rede social é uma comunidade “produzida artificialmente”. Para Bauman (2013: 18), uma comunidade possui três características que se unem para configurar a proteção “às ameaças a seus modos habituais”, são elas: separada de outros grupos humanos, pequena e autossuficiente. Essas características entremeadas impedem a reflexão, a crítica e a experimentação, e talvez seja essa a causa de pouca intervenção e/ou comentários nas postagens, limitando-se às *curtidas*.

## 5. CONCLUSÃO

As imagens na página nas redes sociais das escolas podem contribuir para discussão e construção de conhecimentos da comunidade escolar? É capaz de ampliar as estratégias da instituição para contemplar o currículo pretendido? Incentiva a autonomia dos estudantes e dos professores? Essas são algumas das provocações que nasceram durante meu mergulho no mundo virtual da Escola Municipal de Tempo Integral Jardim Novo Mundo.

Admito que no início da pesquisa o intuito era buscar nos espaços físicos as visualidades na escola, por acreditar que esses espaços eram mais importantes no cotidiano das pessoas frequentadoras daquele lugar. Porém o ambiente virtual, que a princípio não estava sendo considerado, mostrou-se repleto de visualidades potentes que podem levar a reflexões identitárias pertencentes a culturas coletivas e particulares.

Percebeu-se também que professores da instituição pouco se manifestam na página da escola na rede social e que os comentários feitos por “visitantes” são trivialidades que pouco acrescentam em diálogos mais construtivos e/ou críticos. Quiçá se os professores se manifestassem de maneira mais ativa poderiam incentivar comentários que refletissem e dialogassem com as imagens na perspectiva de continuação das atividades exibidas.

É preciso considerar o contexto externo que pertence o interior da escola para entender o currículo através das imagens e construir um plano de ação com finalidades e orientações que possam promover valores de uma sociedade local-nacional-universal na contemporaneidade. O que está presente no dia a dia das pessoas não deve ser desconsiderado no contexto escolar, pois os professores e alunos, em sua maioria, convivem com imagens, ambientes virtuais e redes sociais. Muitas escolas já aderiram às visualidades e às virtualidades, entretanto, ao utilizar essas mídias, ou recursos tecnológicos, tem muito que transformar na perspectiva de se tornar um espaço híbrido no diálogo entre o atual e o virtual.

O acesso às redes sociais pela comunidade escolar é uma realidade que não tem como se desviar, e fazer desses espaços aliados para um posicionamento crítico e construtivo é também papel da escola. Como não inserir as redes sociais no currículo como parte do processo pedagógico, das articulações de ensino-aprendizagem e das prioridades na estrutura curricular?

Finalizo este texto com algumas questões expressivas que abrirão novas possibilidades na/da investigação. Estou no processo da realização da pesquisa, em tempo para redirecionar alguns caminhos pensados e trilhá-los depois.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APUD PELÁEZ, I. E. (2013). Repensar el método etnográfico. Hacia una etnografía multitécnica, reflexiva y abierta al diálogo interdisciplinario. *Antipod. Rev. Antropol. Arqueol.*, (16), pp.213-235. <http://dx.doi.org/10.7440/antipoda16.2013.10>. Recuperado de [13/10/2016].
- BAUMAN, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar.
- CUNHA, S. R. V. (2005). *Educação e Cultura Visual: Uma trama entre imagens e infância*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
- DELEUZE, G. (1996). O atual e o virtual. Alliez (Ed.). *Deleuze Filosofia Virtual*. São Paulo: Ed.34.
- GEERTZ, C. (2014) *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. (14a ed.). Petrópolis: Vozes.
- LÉVY, P. (2011). *O que é virtual?* São Paulo: Ed. 34.
- MARTINO, L. M. S. (2015). *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes*. (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
- MILLER, D. & HORST, H. A. (2015). O Digital e o Humano: Prospecto para uma Antropologia Digital, *Revista Parágrafo*, 3 (2). Em <http://www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/334> Recuperado de [14 /10 / 2016].
- OLIVEIRA, A. (2013). Algumas pistas (e armadilhas) na utilização da Etnografia na Educação, *Educação em Foco*, (22), pp. 163-183. Em <http://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/viewFile/322/312>. Recuperado de [21/11/2016].
- OLIVEIRA, E. S. (2010). *Educação Estética Visual Eco-Necessária na Adolescência*. Coimbra: Minervacoimbra.
- Página da EMTI Jardim Novo Mundo, *Facebook* Em: [www.facebook.com/309344039079967/photo/a.535761536438215.140318.309344039079967/1506541292693563/?type=3&comment\\_id=1667015319979492&notif\\_t=photo\\_reply&notif\\_id=1487760689390060](http://www.facebook.com/309344039079967/photo/a.535761536438215.140318.309344039079967/1506541292693563/?type=3&comment_id=1667015319979492&notif_t=photo_reply&notif_id=1487760689390060). Recuperado de [10/2016 a 02/2017].

## CURRÍCULO

### Adriane Camilo Costa

Possui Graduação em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás (2006), Mestrado em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (2009), Especialização em Cinema e Educação pelo IFITEG (2010) e cursa doutorado na Faculdade de Artes Visuais - UFG. Atualmente é professora na Pontifícia Universidade Católica de Goiás; e professora concursada na Secretaria Municipal de Educação de Goiânia.